

Os da terceira representam-no já na idade varonil: o rosto é maior do que qualquer dos representados nos typos das épocas anteriores, e o medalhão está pendente.

As diferenças entre os reversos das moedas são, quanto a nós, de menos importancia e faceis de reconhecer; por isso apenas notaremos, como singular, que os castellos do typo n.º 2 (do meu exemplar) apresentam a porta central aberta, deixando ver interiormente uma escadaria.

Nenhum dos escritores citados indica qual foi a casa da moeda onde foram cunhadas estas moedas; e o silencio de Heiss é para nós significativo, pois descrevendo uma moeda de bilhão (n.º 10, t. I, p. 60) diz que foi cunhada em Segovia, como indicava a marca *S* posta debaixo do castello. Como a marca monetaria da casa da moeda de Sevilha é tambem o *S*, deixa-nos por isso na duvida sobre se foram cunhadas em Sevilha ou em Segovia.

Diz Teixeira de Aragão¹ que D. Fernando III (1230-1252) começou a pôr nas moedas só a inicial do nome da terra da casa da moeda; quando se dava a circumstancia de, em terras diversas, ser a primeira letra do nome a mesma, se distinguia por qualquer sinal: assim a moeda de Segovia tinha uma ponte para a differençar da de Sevilha, que usava um *S*. Nisto está de acôrdo com o que conta Fernão Lopes, que dá como cunhadas em Sevilha as dobras de que estamos tratando.

BAPTISTA QUEIROZ.

Antigualhas trasmontanas

O Castro do Cabeço de S. João em Castrellos.—A usança da nalgada.— O jogo dos paus

O cabeço de S. João fica cousa de um kilometro a sudoeste da povoação de Castrellos, e divisam-se no cimo vestigios de um castro, cuja configuração indica a photographia junta (fig. 1.ª) que d'elle tirei quando o visitei.

Era boa posição defensiva para o tempo que nelle houve uma estação romana, como o indicam os restos encontrados de moedas romanas, telhas de rebordo, ossos e outras cousas.

¹ *Ob. cit.*, I, p. 56.

Parece que no tempo da nossa monarchia houvera tambem ali povoação; pelo menos todos affirmam o ter existido uma igreja ou ermida dedicada a S. João, donde o Cabeço tirou o nome, em volta da qual, em certos dias festivos, se reuniam os povoados de roda. Na igreja actual vê-se a imagem d'este santo que dizem trazida d'ali, mas a que tiraram toda a veneração antiga com a pintura que lhe deram ultimamente.

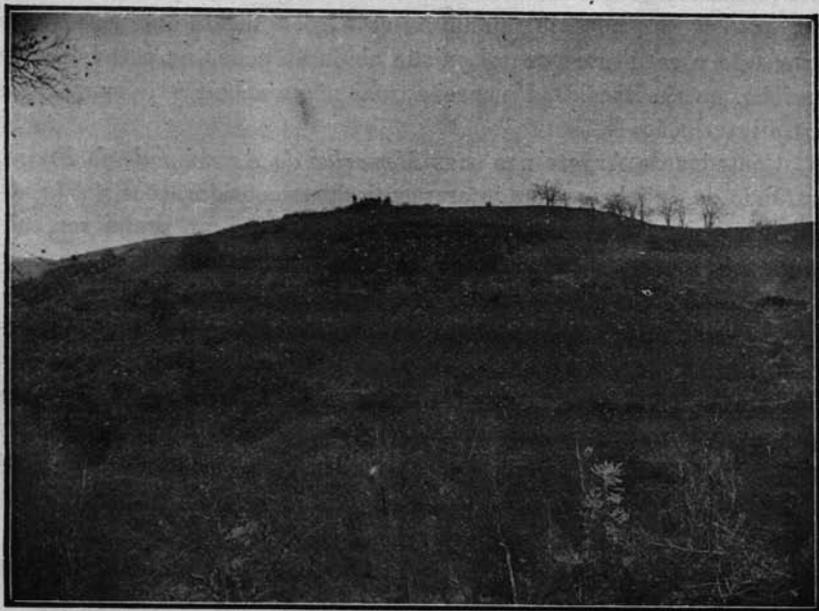


Fig. 1.^a — O Castro do Cabeço de S. João em Castrellos, visto de sul

O que é certo, porém, é que este local está hoje destinado a cultura de cereaes, coberto parte de carvalhos e parte de frondosos castanheiros; do passado encontram-se só insignificantes fragmentos. O arado, de quando em quando, pega-se ou nos alicerces de algum muro ou na tampa de alguma sepultura, atravessado pelas grossas raizes das arvores ou do mato, que assombreado porção do sitio nos dão uma impressão melancolica, principalmente quando, encostados ao grosso tronco de um castanheiro chamado «santo», por ser da tradição estar enterrado debaixo d'elle um Santo, pensamos nas curiosas tradições que d'elle rezam as Memorias. «Diz Moreri no seu *Diccionario Historico*: Bragança fundada por Brigo IV, rei de Espanha em 2063. Ampliou-a Cayo Sempronio, pretor, cuja sepultura se achou em Castrellos em 1591, na occasião em que se andavam abrindo os fundamentos

para uma Ermida¹. Continha a referida sepultura moedas de ouro do tempo do Imperador Antonino. Dizia assim:

SEMPRON. TUDIT
NUMORUM. IXM

.....

«Conserva-se em Castellos a lenda (?) que diz que ali assistira um *general* romano cujo tumulo ali existira, e dizem que a pedra de armas da casa d'esse general existia ainda ha pouco na parede de um moinho, no rio Baceiro. Procurei-a, mas não a achei; é de suppor que fosse inscripção»².

Contador de Argote nas suas *Memorias do Arcebispado de Braga*, tratando de Juliobriga, faz interessantissimas considerações a esta noticia, apreciando se sim ou não teria existido aqui um pretor romano. Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno*, fallando de Castellos, diz já existir em 988 e que lhe deu foral D. Affonso IV em 1325.

Como se vê, é de incontestavel importancia historica o local representado pela nossa photographia, onde jazem dispersos e no esquecimento as ossadas e cinzas dos que primeiro trouxeram a vida para este sitio recondito da serra de Nogueira, por onde, como se deprehende de alguns vestigios, devia passar uma via romana que entroncaria com a que passava em Castro de Avellãs em direcção a Astorga³, pondo os povos Transvasseiros e d'alem Tuella em communicação com a grande arteria da civilização romana que atravessava, vinda de Chaves, esta montanhosa região.

*

A tão curta distancia de Bragança, a 15 kilometros a poente, encontra-se uma costumeira originalissima, talvez unica em todo o país. Informaram-me existir nesta povoação uma usança a que chamam da *nalgada*. Vem a ser que á meia noite do ultimo dia do anno vão os homens pelas casas uns dos outros, arrombando as portas e entrando pelas janelas e telhados, se for preciso, e batem os homens com a mão, chinello ou moca embrulhada em farrapos duas ou tres vezes

¹ Claro está que não tem nenhum valor historico esta noticia de Brigo e Sempronio. Transcrevemo-la apenas para não interromper a transcrição.

² José Henriques Pinheiro, *Estudo da estrada militar romana*, pp. 110 e 111.

³ Veja-se *O Arch. Port.*, XII, 162.

nas nadegas (dizem *nalgas*) ás mulheres, estejam ou não deitadas; não levando a mal, tomando tudo por brincadeira. Dizem que é para que ellas andem espertas durante o anno. Em Portella, logarejo proximo, ha o mesmo costume. É antiquissimo o facto, ignorando a origem ou proveniencia. Não se pôde negar que esta gente é fundamentalmente supersticiosa, como o demonstra o haver no meado do seculo passado um parcho mandado construir a S. Bernardino, advogado dos espiritos malignos, uma grande e elegante capella com o producto dos «escriptos» que passou!

O Castellos actual não tem nada antigo. Será esta usança uma reminiscencia, conservada através dos seculos, do povoado que houve no Cabeço de S. João?

*

Aqui tive ensejo de observar o andamento do jogo dos paus, divertimento usado nos dias santificados pela mocidade masculina em

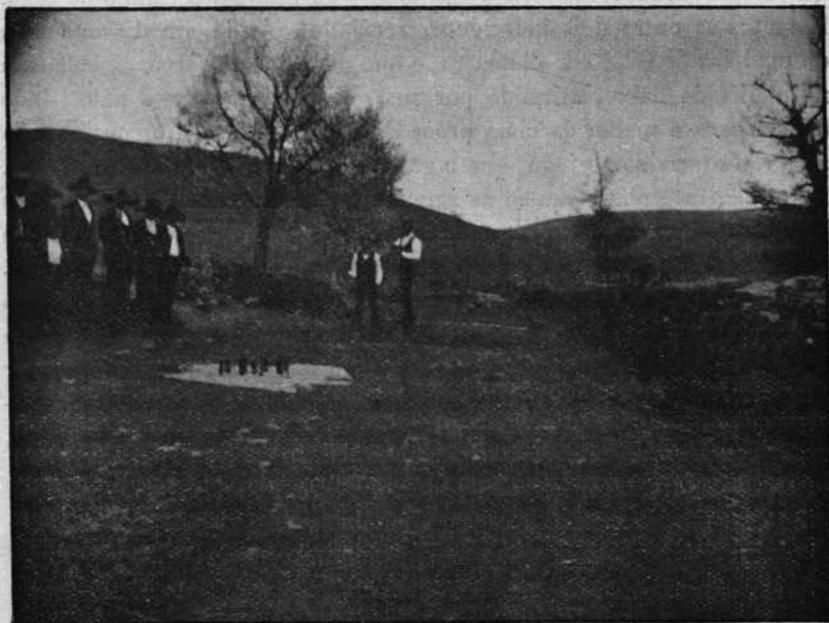
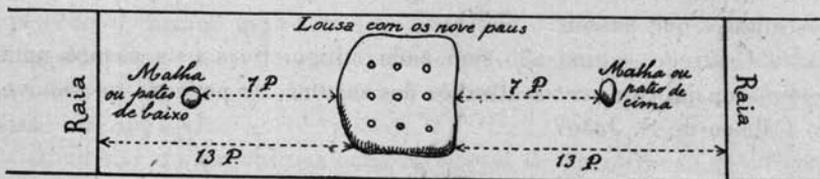


Fig. 2.^a—O jogo dos paus em Castellos

todas as aldeias do concelho no tempo de inverno, principalmente, e de que tirei photographia (fig. 2.^a). Num largo ou num caminho espaçoso collocam uma lousa (fig. 3.^a), e em cima d'ella, em tres linhas

iguaes e parallelas, nove paus, sendo tres em cada uma e equidistantes entre si $0^m,20$. Estes paus regulam por $0^m,2$ de alto e $0^m,05$ de diametro. Na linha que passa pelo meio dos paus, e a sete passos de distancia d'elles para um e outro lado da lousa, collocam umas pequenas pedras, a que chamam malhas, que marcam os dois «pateos». Uma é a «malha de baixo», donde começa o jogo, e a outra, a opposta, a «malha de cima».



Ainda na mesma linha, e a treze passos da lousa dos paus para um e outro lado, traçam as raia, que são uns riscos feitos no terreno que cortam transversalmente o caminho ou limitam o campo do jogo. Este faz-se entre dois individuos, servindo-se cada um de uma bola de madeira de $0^m,20$ de diametro, e que para o começarem se collocam na malha de baixo, atirando por sua vez a sua bola aos paus; indo depois para a malha de cima procedem do mesmo modo, continuando assim até terminar o jogo, que o ganha o primeiro que fizer 40 tentos. No andamento observam-se as seguintes regras: os paus que um dos jogadores tombam são postos de pé antes de atirar o outro; cada pau tombado vale um tento e se o pau passar ou «salvar» a raia vale dez. Porém, atirando da malha de baixo, esta contagem faz-se só quando a bola passa a raia ou bate na malha do pateo de cima. Se isto se não der chama-se *conçar*, e não se contam tentos alguns seja qual for o numero de paus que cairem e fiquem aquem ou alem da raia. Atirando da malha de cima contam-se sempre os tentos, isto é, não *conça*, quer a bola passe ou deixe de passar a raia, bata ou não na bola.

Bragança, Junho 1908.

ALBINO PEREIRA LOPO.

La conservation des antiquités — et l'augmentation de leur nombre à l'aide des fouilles, — après avoir été le sport de riches particuliers et l'objet du dilettantisme princier, est devenue une tâche de l'État.

A. SCHULTEN, *L'Afrique Romaine*, Paris 1904, p. 7.